

ESPAÇO E GÊNERO: UM OLHAR A PARTIR DAS ATIVIDADES LABORAIS DAS MULHERES NA FEIRA DO SINDICATO DE ITUIUTABA - MG

Maria Vanda dos Santos

Mestre em Geografia, Programa de Pós-graduação em Geografia do Pontal
Universidade Federal de Uberlândia, Ituiutaba, Minas Gerais, Brasil¹

maria.vanda@ufu.br

Joelma Cristina dos Santos

Doutora em Geografia, docente dos cursos de graduação e pós-graduação em Geografia do Instituto de Ciências Humanas do Pontal - Universidade Federal de Uberlândia, Ituiutaba, Minas Gerais, Brasil¹

joelma.santos@ufu.br

RESUMO: No decorrer da história as feiras sofreram mudanças quanto ao seu papel social e econômico e se constituíram em objeto de pesquisa de diversos estudos acadêmicos. Porém, a discussão de gênero nesse espaço é, em geral, pouco discutida pelos pesquisadores. É neste contexto que o objetivo geral deste artigo é analisar a dinâmica que envolve o trabalho da mulher feirante. Buscou-se ainda discutir questões relacionadas à jornada de trabalho, autonomia financeira em decorrência de sua atividade e importância da participação feminina nesse mercado. Para alcançar estes objetivos, foi realizada pesquisa bibliográfica baseada em autores que abordam a temática, cujas considerações são associadas a resultados de pesquisa exploratória tendo como campo a Feira do Sindicato de Ituiutaba (MG). Os resultados mostram que ser feirante acontece por herança, necessidades financeiras ou por ser um mercado de trabalho de fácil acesso. As trabalhadoras percebem a atividade como uma profissão digna que lhes proporciona a sobrevivência.

Palavras-chave: Espaço; Gênero; Trabalho; Mulher; Feirante.

ABSTRACT: Over the course of history, fairs have undergone changes in terms of their social and economic role and have become the object of research in various academic studies. However, the discussion of gender in this space is, in general, little discussed by researchers. It is in this context that the general objective of this article is to analyze the dynamics involved in the work of the woman marketer. We also sought to discuss issues related to working hours, financial autonomy as a result of their activity and the importance of female participation in this market. To achieve these objectives, a bibliographical research was carried out based on authors who approach the theme, whose considerations are compared to the results of exploratory research having as field the Trade Union Fair of Ituiutaba (MG). The results show that being a marketer happens because of inheritance, financial needs or because it is an easily accessible job market. The workers perceive the activity as a dignified profession that provides them with survival.

Keywords: Space; Gender; Job; Women; Marketer.

RESUMEN: A lo largo de la historia, las ferias han sufrido cambios en cuanto a su papel social y económico y se han convertido en objeto de investigación en diversos estudios académicos. Sin embargo, la discusión de género en este espacio es, en general, poco discutida por los investigadores. Es en este contexto que el objetivo general de este artículo es analizar las dinámicas implicadas en el trabajo de la mujer comercializadora. También se buscó discutir temas relacionados con la jornada laboral, la autonomía financiera producto de su actividad y la importancia de la participación femenina en este mercado. Para lograr estos objetivos, se realizó una investigación bibliográfica a partir de autores que abordan el tema, cuyas consideraciones se comparan con los resultados de una investigación exploratoria que tiene como campo la Feria Sindical de Ituiutaba (MG). Los resultados muestran que ser un comercializador ocurre por herencia, necesidades económicas o porque es un mercado laboral de fácil acceso. Los trabajadores perciben la actividad como una profesión digna que les proporciona la supervivencia.

Palabras clave: Espacio; Género; Trabajo; Mujeres; Comercializador.

¹ Endereço para correspondência: Rua Vinte, 1600, Bairro Tupã, CEP: 38304-402, Ituiutaba, Minas Gerais, Brasil.

INTRODUÇÃO

Durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), com a ida dos homens para o campo de batalha, as mulheres se viram impelidas à necessidade do exercício de uma função extra, para sustentarem os filhos e os negócios da família (ESTEVENS; NETO, 2015). Situação similar ocorreu também na Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Após o término dos conflitos, como muitos homens perderam a vida nas batalhas ou voltaram impossibilitados de realizar as atividades antes executadas, a necessidade de as mulheres irem, por si e seus filhos, em busca de um sustento financeiro foi mantida e reforçada (SIMÕES; HASHIMOTO, 2012; CASA NOVA, 2014). Logo, as mulheres começaram a ocupar o mercado de trabalho para suprir a necessidade de mão de obra nas fábricas devido à ausência ou invalidez dos homens.

Em período mais recente, dados estatísticos apontam que de 2012 a 2018, no mercado de trabalho formal, a taxa de participação feminina atinge 45% da força de trabalho no Brasil, sendo a faixa etária predominante a idade variável entre 40 a 49 anos (BRASIL, 2019). Ainda segundo dados do Ministério do Trabalho, as mulheres na faixa etária de 30 a 39 anos são 31% da força de trabalho utilizada (BRASIL, 2019).

Tem-se ainda nos dados apresentados, pelo Ministério do Trabalho, que dentre as atividades laborais as mulheres participam em diversos setores econômicos, sendo que a maioria delas está na área de serviços totalizando 40,2% da mão-de-obra empregada; na Administração Pública totalizam 26,4%; no comércio têm-se 19,8%; na indústria, 11,5%; no setor agropecuário são 11,2%. O setor com menor participação feminina é o setor da construção civil, com apenas 0,9% (BRASIL, 2019). Embora a taxa de participação feminina no mercado de trabalho formal tenha aumentado nos últimos anos os homens continuam sendo a maioria em todos os postos de trabalho (BRASIL, 2019).

Apesar de as mulheres estarem ocupando diferentes espaços laborais no mercado de trabalho, e sua participação, ano a ano sejam crescentes, muitos desafios que historicamente marcam a trajetória profissional feminina, precisam ser vencidos. Conforme observado por Abramo (2007), mesmo a mulher ocupando importantes espaços em diferentes áreas do mercado de trabalho, seja pela ótica do empoderamento ou por necessidades econômicas, a relutância por parte dos empregadores em colocar em prática, direitos trabalhistas igualitários entre homens e mulheres permanece e reflete uma prática considerada comum. A desigualdade no valor da força de trabalho masculina e feminina provoca diferentes formas de acesso a uma vaga de emprego, bem como valores salariais, capacitação e ascensão profissional díspar. O mérito técnico e profissional, segundo Abramo (2007), ao tratar-se da mulher, com grande frequência fica relegado para segundo plano, em detrimento do gênero.

A participação feminina no mundo do trabalho formal se dá em diferentes áreas ou setores de mercado como já apontado, mas também em setores informais da economia. É crescente a presença de mulheres na comercialização de produtos populares em feiras livres, em grandes centros e no interior brasileiro (GOMES, 2013; SILVEIRA *et al.*, 2017). Essas feiras, conforme os autores citados, funcionam ainda como um canal de aquisição de alimentos, emprego e rotatividade da economia.

Estudos de Pereira, Santos e Borges (2005), Matos e Borelli (2013), Santos e Castro (2015) discutindo variáveis como espaço, gênero e atividades laborais têm destacado o crescimento da participação feminina no mercado de trabalho nos últimos anos, quando a mulher passou a trabalhar fora de casa para auxiliar no sustento de sua família, para suprir as necessidades financeiras. No entanto, entende-se ser necessário investigar como a literatura tem analisado a inserção e participação da mulher no espaço das feiras livres, discutindo as conquistas femininas, a importância de sua participação também nesse espaço

laboral, bem como o empoderamento - entendido aqui como a autonomia -, que sua atuação profissional nas feiras livres lhe proporciona.

Desse modo, o objetivo geral deste artigo é analisar a dinâmica que envolve o trabalho da mulher feirante, discutindo ainda questões relacionadas à jornada de trabalho, autonomia financeira em decorrência de sua atividade e importância da participação feminina nesse mercado, com destaque para a feira do Sindicato em Ituiutaba-MG que, conforme Santos (2021, p. 79) “é gerida pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ituiutaba e também possui um diferencial em relação às demais por ser composta, somente por agricultores familiares”.

Para tanto, além desta introdução, serão discutidos neste artigo os aspectos teóricos das feiras e as feiras enquanto lócus de trabalho; na sequência, apresenta-se a seção: “Gênero e mercado de trabalho”, que conta com uma seção de segundo nível sobre feiras e gênero; seguido pelas considerações finais e as referências.

FEIRAS LIVRES: CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

As feiras livres são uma realidade no cotidiano social e apresentam uma diversidade de produtos para comercialização, tanto agrícolas como artesanais. Nesse espaço, também, encontra-se presente um ambiente de relações interpessoais entre os feirantes, consumidores e outros sujeitos envolvidos (MADEIRA, 2007).

Para Mascarenhas e Dolzani (2008, p. 13), as feiras funcionam como um grande comércio onde existe uma animada interação entre os comerciantes e transeuntes e onde os sujeitos se deparam com “um misto de formas, cores e cheiros que seus olhos não são capazes de discernir ou classificar rapidamente”. Nesta perspectiva, a feira livre apresenta-se como um local com variedades, tanto nos produtos que se comercializam quanto nos sujeitos que se interagem. O trabalho executado nas feiras livres não é recente, como fundamentam Araújo e Ribeiro (2018, p. 561):

No Brasil as feiras livres remontam ao período colonial. A importância dessas feiras se manifesta no abastecimento direto de consumidores, na geração de renda para população rural e na animação do comércio urbano. Mas sua relevância ultrapassa a economia para compreender também hábitos alimentares, costumes sedimentados e a própria cultura.

Os estudos de Gomes (2013, p. 4) também são esclarecedores, ao afirmar que: “no Brasil, a feira é encontrada desde o tempo da colônia e ficaram mais populares com a chegada da família real, em 1808, quando a Corte tomou algumas medidas para beneficiar a feira livre, como a abertura dos portos às nações amigas”. Conforme o autor, a comercialização nas feiras era realizada com abastecimento de produtos variados ofertados diretamente aos consumidores e, principalmente, na renda para a população sem descuidar dos alimentos que promoviam os bons hábitos nutricionais, dentro da cultura da sociedade naquele período histórico.

Nos relatos de Madeira (2007), de acordo com a história brasileira, o surgimento de cidades como Pernambuco, Caruaru e Campina Grande, situadas na Paraíba, bem como, Feira de Sant’Anna, na Bahia, iniciou-se através das feiras que no período colonial era exigência, para o consentimento de iniciar uma cidade, que fosse escolhido um dia para a realização da feira para abastecer a população do lugar com variados tipos de alimentos.

Madeira (2007, p. 20-21) afirma que são referenciadas muitas feiras no século XVIII, localizadas em várias freguesias, como “na Mata de São João, na vila de Nazaré, Bahia, em Cruz das Almas, Pernambuco, ou em Laranjeiras, Sergipe”. Madeira (2007) destaca ainda a Feira de Caruaru como uma das mais antigas, considerada como uma das maiores no Brasil,

pois, circulam anualmente mais de um milhão de pessoas, tem-se assim como um “celeiro da cultura popular, tendo no cordel, na xilogravura e na cerâmica imaginária alguns dos pontos mais evidentes de seu interesse para o patrimônio nacional”. Neste contexto, as feiras são entendidas como um espaço que se limita entre o rural e o urbano, formal e informal, conta com produtos artesanais e industrializados.

Além de um importante espaço de comercialização de diversos produtos, na visão de Pereira *et al.* (2017), as feiras livres são também espaços de socialização, identidade regional e cultural, bem como de articulação política, assim como de inclusão social. Nas feiras, há movimentação de produtos, pessoas, informações e cultura, numa dinâmica muito peculiar, que se misturam com a paisagem local.

De acordo com Ribeiro, Castro e Ribeiro (2004, p. 7), bem mais do que um espaço comercial, a feira cria uma atmosfera que proporciona longas conversas, oferece um ambiente descontraído, prazeroso e relatam que muitas pessoas vão à feira passear “para comer pastel, ver amigos e conversar fiado”. A interpretação da história e da realidade das feiras livres enquanto espaço social e cultural pode ser mais bem compreendido no que Santos (2005, p. 22) afirma acerca da Geografia, enquanto área:

Se deseja interpretar o espaço humano como fato histórico que ele é, somente a história da sociedade mundial aliada à sociedade local pode servir como fundamento da compreensão da realidade espacial e permitir a sua transformação a serviço do homem, pois, a história não se escreve fora do espaço.

Para Silveira *et al.* (2017, p. 2), nas feiras a comunicação vale mais do que a etiqueta de um produto, “pois, é no grito do feirante ou na pechincha dos consumidores que as feiras vêm sobrevivendo ao avanço dos supermercados”. No entendimento de Coutinho (2006), existem ainda outros fatores que garantem a sobrevivência das feiras, como por exemplo, o grande número de variedades de mercadorias encontradas a preço acessível e no mesmo espaço facilitando tanto o acesso físico como econômico a todos os públicos que frequentam o local. Precisa-se destacar ainda que, bem mais que um espaço geográfico social, as feiras livres são um *locus* de trabalho, onde feirantes exercem profissionalmente uma ocupação (VEDANA, 2013), sendo também um espaço de movimentação econômico-financeira.

As feiras se constituem em espaço de comercialização, por isso, é um espaço onde a atividade profissional gera emprego e renda. A feira, como aponta Ferreira (2013), é uma das alternativas de se fortalecer a economia familiar com aumento de ganhos através da comercialização direta ao consumidor final, eliminando alguns integrantes do processo de comercialização, principalmente os atravessadores ou agentes facilitadores da comercialização.

Para Vedana (2013), o feirante deve ser enxergado como um profissional e não só como uma força de trabalho esporádica, tendo em vista que o trabalho realizado foi uma escolha do indivíduo, em algum período de sua vida, e dessa forma investiu tempo e interesse em aprender um ofício, criando a partir de relações sociais e profissionais, no ambiente de trabalho, sua maneira particular de desempenhar uma função.

Nos grandes centros, nesse caso em São Paulo, a feira livre apresenta-se como um grande polo empregador sendo que, mesmo com a participação de comerciantes por feira livre com constantes variações, normalmente as feiras contam com a média de cem bancas ocupando os responsáveis por elas e, indiretamente, gerando oferta de trabalho para a mão de obra de vendedores ambulantes, de sacolas plásticas, carregadores e montadores de barracas (SATO, 2007).

A inegável importância social, econômica e cultural atribuída às feiras livres não impede o entendimento de que as atividades desenvolvidas naquele espaço expõem os feirantes a condições características do trabalho informal que realizam: eles trabalham por

várias horas seguidas, sem intervalo de descanso entre elas, acumulam diferentes funções e encontram-se expostos às condições naturais do ambiente, sejam elas favoráveis ou não, e o seu tempo de convívio familiar e para o lazer são prejudicados, em detrimento do descanso, após exaustivas horas no trabalho (CARVALHO; AGUIAR, 2017).

Ao observar o feirante, em sua prática laboral, percebe-se ele como sujeito atuante com diferentes estratégias na condução do seu negócio. Desenvolve habilidades de um gestor administrador de um negócio familiar, atua como um líder envolvido em todos os processos do trabalho, realiza limpeza do local, supervisiona a logística para o bom funcionamento dos trabalhos, relaciona-se com seus clientes e conversa sobre economia, agricultura, alimentos, em geral (VEDANA, 2013).

GENERO E MERCADO DE TRABALHO

A conceituação de gênero busca identificar e diferenciar os homens e as mulheres, apontando os gêneros masculino e feminino. Neste sentido, Louro (1995, p. 103) afirma que em uma compreensão mais ampla de gênero “exige que pensemos não somente que os sujeitos se fazem homem e mulher num processo continuado, dinâmico [...] como também nos leva a pensar que gênero é mais que uma identidade aprendida, é uma categoria imersa nas instituições sociais [...]”. Deste modo, as diferenças envolvidas no que se refere às questões de gênero, segundo Louro (1995) busca valorizar a mulher como agente social e histórico e, não como papel secundário como tem sido retratada em estudos que tratam da temática.

Rochadel (2007), ao tratar do gênero feminino, mostra diante de recortes temporais, culturais e sociais, que a mulher tem sido estereotipada tanto na vida profissional quanto na vida pessoal. A sociedade, ao tratar da temática relacionada às relações de dominação e submissão entre gêneros no trabalho, “está organizada para aceitar a execução dos papéis sociais atribuídos a partir das diferenças biológicas e não a partir das diferenças culturais e psicológicas” (BRASIL, 2007, p. 32).

Bruschini (2007) concorda que no Brasil, o ingresso da mão de obra feminina no mercado de trabalho, de acordo com vários estudos sobre o tema, no decorrer do tempo foi marcado pelas condições precárias de trabalho ofertadas a um grande número de trabalhadoras. Por outro lado, a autora considera que as mulheres com maior grau de instrução e escolaridade têm feito importantes progressos quanto à entrada no mercado de trabalho, apesar de que a ocupação maior ser observada nas áreas da Educação e Enfermagem, elas vêm conquistando espaço em diferentes áreas profissionais ligadas ao Direito, Medicina e Engenharia, mercado normalmente monopolizado pelos homens.

Ainda falta muito para que no setor econômico e no campo do trabalho haja uma participação equilibrada da mulher em relação ao homem, como aponta Natividade (2009), existem muitas dificuldades para a implantação e cumprimento de políticas públicas em relação a gênero, conforme relata:

Salários inferiores aos dos homens, mesmo ocupando a mesma posição profissional; os cuidados com espaço privado e alterações que vêm ocorrendo na estrutura familiar; o desemprego, participação elevada no mercado informal e em ocupações precárias e/ou sem remuneração, revelando a má qualidade das condições do trabalho feminino e alterações no padrão da divisão sexual do trabalho; mudanças sociodemográficas; a diversidade étnico-racial, entre outras (NATIVIDADE; 2009, p. 4).

Nos estudos de Natividade (2009), a autora ressalta que a mão de obra feminina, que ingressa no mercado de trabalho por dificuldades e privações financeiras, fortalece a

convicção do tratamento de inferioridade dispensado à mulher e diante de oferta precária de trabalho, uma grande maioria, busca alternativa de trabalho que lhes garanta o sustento e um pouco de dignidade e assim consegue, de forma autônoma, ser reconhecida profissionalmente.

Para Oliveira (2011), um maior convívio social entre os gêneros, têm evidenciado uma série de mudanças no comportamento das famílias, como, por exemplo, maior número de famílias sob a responsabilidade de provedora pela mulher, controle de natalidade, execução de tarefas domésticas divididas entre o casal bem como aumento da presença feminina no mercado de trabalho. Com isso, amplia-se o espaço feminino no mercado de trabalho, sendo que a mulher deixa o lar para trabalhar fora, o que tem ocorrido em várias áreas do trabalho.

Conforme relatório da ONU, de 2019, a inclusão feminina no mercado de trabalho vem aumentando significativamente, porém, a mulher casada que administra casa, marido e filhos, diminui sua participação nesse mercado e conseqüentemente benefícios como sua renda. Por todo mundo, a maioria das mulheres de 25 a 54 anos são atuantes no mercado e independentes financeiramente, sendo que para as solteiras esse número aumenta e já os homens casados alcançam uma expressiva porcentagem de 96% ativos e independentes financeiramente. Esta desigualdade acontece devido ao fato de que as mulheres realizam tripla jornada com trabalhos em casa e são cuidadoras sem remuneração do núcleo familiar, o que não acontece com os homens (ONU, 2019).

A ATUAÇÃO DAS MULHERES NAS FEIRAS LIVRES: UM OLHAR PARA AS MULHERES FEIRANTES NA FEIRA DO SINDICATO EM ITUIUTABA (MG)

Segundo Matos e Boreli (2013), a participação da mulher em atividades de comercialização se realizava em uma grande variedade, pois, o comércio de rua ocorre com vários ambulantes incluindo muitas mulheres que vendem verduras tanto em grandes quantidades como em pequenas, quando produzidas na agricultura urbana, também, disponibilizam produtos como leite e ovos de animais criados em chácaras ou arredores da cidade.

Deste modo, a partir do final do século XIX, as feiras livres foram ganhando espaço apresentando-se como uma nova alternativa de renda financeira, bem como local de trabalho para a inserção ativa da mulher.

Pensando a feira enquanto espaço de trabalho para as mulheres, percebe-se maior número delas ocupando esse espaço, visto que elas têm alcançado seu lugar nesse mercado que proporciona condições flexíveis para o uso do horário propiciando condições para o cumprimento de dupla ou tripla jornada, como feirante, esposa, mãe e dona de casa. De acordo com Anacleto *et al.* (2015), no espaço das feiras livres, as mulheres, de diferentes classes sociais, têm tido destaque como empreendedoras oferecendo diversificadas mercadorias e alterando a composição dos sujeitos feirantes que outrora era composta, em sua maioria, pelo sexo masculino.

Os estudos de Ângulo (2003) revelam que a feira influencia na melhoria da vida, tanto na renda familiar quanto na socialização; a feira é um espaço que oferece oportunidades desde as condições de trabalho e sua organização até a comercialização e a sua satisfação, bem como a inserção no mercado de trabalho. O autor reforça, ainda, no que concerne às mulheres feirantes, que o trabalho feminino tem muita importância na venda e no preparo ou na produção e contribui com a renda financeira para o convívio familiar. Santos (2021) confirmou inclusive que a participação da mulher nas feiras tem se expandindo e, com isso, a mulher vai construindo sua autonomia financeira.

Conforme relata Morais e Hanashiro (2015) em seus estudos com feirantes que atuam na Paraíba, o ser feirante representa atendimento às carências financeiras e acesso a uma

vida social e, se percebem como sujeitos dignos e honestos, se sentem orgulhosos pela coragem em se manterem em uma profissão autônoma que proporciona rendimentos diários, porém, de pouco valor financeiro, e que é muito cansativa. Para os autores, o ambiente laboral nas feiras livres torna-se propício para a entrada feminina nesse mercado uma vez que lhe dá condições de acompanhar o marido como ajudante, outras vezes funcionam como chance de manter os filhos pequenos por perto e bem como complementar a renda da família através da autonomia em ter seu próprio negócio.

Para Silva (2016, p. 155), a realidade das feirantes que trabalham no agreste pernambucano apresenta situações distintas: a força de trabalho da mão de obra feminina é indispensável para que a feira aconteça, porém, a ausência de políticas públicas, a situação vulnerável dessas feirantes em um espaço onde a dominação masculina é muito presente e gera controvérsias e “apesar das condições adversas de trabalho, da precariedade de rede de proteção social, as mulheres feirantes conquistam com seu trabalho, independência diante de questões econômicas, sociais e políticas”.

De acordo com Prestes (2019, p.3), as circunstâncias vividas no dia a dia pelas mulheres feirantes demonstram a desigualdade com que essas trabalhadoras são tratadas “seja pela desvalorização das suas ações sociais, sobrecarga de trabalho, dificuldade de permanência nos espaços da feira, assim como pelo desconhecimento acerca das políticas públicas voltadas para mulheres, dentre outros fatores que incidem sobre elas”. Para a autora “as relações assimétricas de gênero abrangem suas vivências no seio familiar, com a sobrecarga de trabalho na área doméstica proveniente de uma lógica patriarcal”.

De acordo com as observações retratadas por Parpet (2018), nas feiras no interior de Pernambuco, existia uma divisão entre homens e mulheres que obedeciam à regras impostas de acordo com a posição social do sujeito e dentro dessa separação ainda havia outra distinção, em razão do gênero. Produtos como aguardente só eram comercializadas pelos homens, enquanto isso as mulheres eram responsáveis pela comercialização de quitandas e doces que eram feitos através da mão de obra feminina.

Embora os estudos retro mencionados não esgotem uma revisão de literatura sobre a temática que discute a participação feminina nas feiras livres, nota-se que apontam a importância dessa participação para a socialização e aumento de renda (MORAIS; HANASHIRO, 2015), (WALENA, 2007) e consequente autonomia financeira (SANTOS, 2021). Por outro lado, deixam claras desigualdades sociais e salariais, bem como evidenciam sobrecarga na jornada de trabalho, visto que além de atuar profissionalmente nas feiras livres, as mulheres ainda são responsáveis pelo preparo de diversos produtos comercializados nesse espaço, bem como pelas atividades domésticas.

A partir do entendimento da dinâmica que envolve o trabalho da mulher no espaço das feiras livres, em geral, discute-se na sequência, a participação feminina na feira do Sindicato em Ituiutaba, município do Pontal do Triângulo Mineiro, em Minas Gerais, que conforme Santos (2021, p. 79) “é gerida pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ituiutaba e também possui um diferencial em relação às demais por ser composta, somente por agricultores familiares”.

A feira livre é um evento tradicional em muitas cidades brasileiras, em Ituiutaba (MG), não é diferente. Com uma população estimada, no ano de 2020, de 105.255 habitantes, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a cidade é palco de várias feiras livres que proporcionam aos seus moradores a possibilidade de comprar frutas, verduras, carnes, frangos e laticínios diretos do produtor, bem como adquirir produtos eletrônicos, calçados, roupas, brinquedos e ainda degustar aquele pastel tradicional de feira com caldo de cana, diversos salgados, doces e bolos produzidos de maneira artesanal ao frequentarem as feiras que ali acontecem.

Segundo o Coordenador das Feiras, além da importância econômica, a tradicionalidade da feira livre em Ituiutaba é um fato incontestável e a Prefeitura Municipal

tem feito um trabalho voltado para a valorização do feirante e preservação das feiras, pois, entende que, “dessa forma está contribuindo para a geração de renda dessas famílias, melhorando um pouco a economia regional e, também contribui para que a cultura rural não caia no esquecimento”.

Na cidade mineira de Ituiutaba, as feiras livres são regulamentadas pela Secretaria Municipal de Agricultura, Pecuária e Abastecimento que trata das questões relativas ao funcionamento das mesmas (SANTOS, 2021). Na cidade, as feiras municipais acontecem, semanalmente, em um total de quatro feiras, quais sejam: a Feira da Junqueira (aos domingos), a Feira da Avenida Sírio Libanesa (às terças-feiras), a Feira da Praça Treze de maio (às quintas-feiras), e a Feira do Pronto Socorro, como é popularmente conhecida, no setor Norte da cidade (aos sábados). Em relação ao número de feirantes que trabalham nessas quatro feiras semanais, notam-se diferenças consideráveis entre a Feira da Junqueira e as demais. Enquanto a Feira da Junqueira possui maior número de feirantes (antes da pandemia da Covid-19, por exemplo, contava com 216 e atualmente está com 145 comerciantes), as outras três feiras possuem, em média, a mesma quantidade de feirantes (antes da pandemia contava com a média de 35 e, atualmente, está com 25).

Na cidade acontecem ainda outras duas feiras: a Feira do Produtor e Artesão de Ituiutaba (FEPROART) que é a primeira feira noturna do município, inaugurada em novembro de 2019, que acontece na Praça Mário Natal, no Bairro Natal (às quartas-feiras) e a Feira do Sindicato (às sextas-feiras), inaugurada em 2014. Vale ressaltar que a FEPROART e a Feira do Sindicato não são de responsabilidade da Secretaria de Agricultura. A primeira é uma idealização do Departamento Social que, juntamente, com os artesãos da cidade, criaram a feira que possui características diferentes das demais, ao abrir um espaço maior para os artesãos, para as pessoas que trabalham com culinária (doces, lanches, salgados, enfim, todo tipo de alimentação que pode ser consumida na hora) exporem e venderem seus produtos.

A Feira do Sindicato, por sua vez, é gerida pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ituiutaba e é composta, conforme relato do Sr. José Divino de Melo, Presidente do Sindicato, somente por agricultores familiares e possui uma história de luta e resistência em sua gênese, pois, foi proveniente da necessidade de um grupo de agricultores familiares serem inseridos no mercado das feiras que aconteciam na cidade:

A feira do sindicato na cidade de Ituiutaba surgiu de um impasse gerado entre a prefeitura municipal e o sindicato dos trabalhadores rurais quando, no ano de 2014, o presidente do sindicato percebeu a dificuldade que seus associados encontravam na comercialização de sua produção e buscou resolver essa questão junto à prefeitura municipal que não cooperou com a liberação de novos alvarás para que os agricultores pudessem participar das feiras existentes na cidade. De acordo com Melo (2020), nesse momento o sindicato cedeu um terreno que estava ocioso e arcou com a construção de um barracão lançando a feira que recebeu o nome de “feira do sindicato” e que acontece, desde então, toda sexta-feira no período da tarde ao lado da sede do sindicato. (SANTOS; SANTOS 2020, p.28)

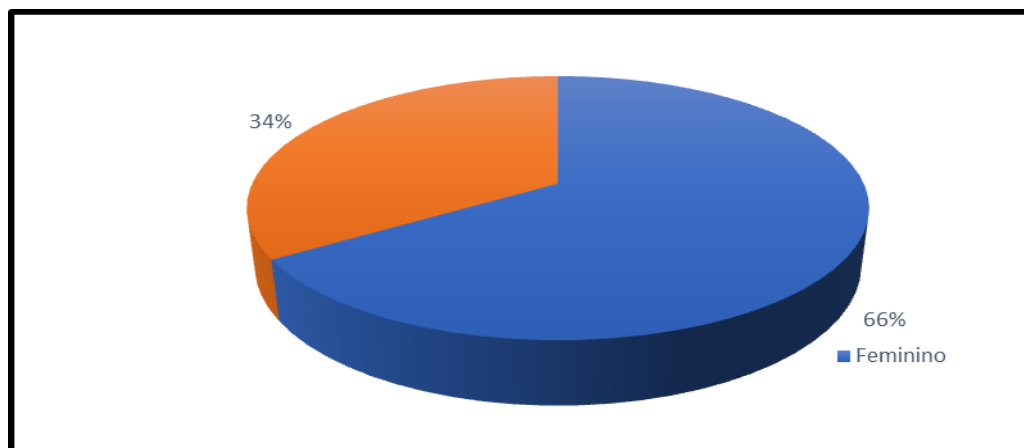
A fim de caracterizar e conhecer as pessoas que trabalham como feirantes na Feira do Sindicato, que se diferencia das demais feiras realizadas na cidade de Ituiutaba (MG); por ser um espaço criado para a comercialização de produtos oriundos da agricultura familiar, apresentam-se a seguir, as informações coletadas no trabalho de campo sobre gênero, tempo de participação na feira, bem como a descrição da percepção dos feirantes em relação à continuidade ou sucessão dos seus filhos na profissão de feirante.

Na questão referente à variável gênero foi demonstrado o empoderamento da mulher e a importância dela para o sucesso de um empreendimento baseado na agricultura familiar e

na comercialização de seus produtos.

Por meio deste resultado percebe-se a força da mão de obra feminina no recinto da Feira do Sindicato, pois, conforme mostra o Gráfico 1, dentre os feirantes pesquisados, 66% deles são mulheres, enquanto 34% são homens. Dessa forma, evidencia-se o sentimento de pertencimento, de reconhecimento e de valorização que a mulher trabalhadora feirante conquistou, tanto em seu núcleo familiar quanto no espaço onde acontece a feira.

GRÁFICO 1 – Participação, por gênero, de feirantes na Feira do Sindicato em Ituiutaba-MG



Fonte: SANTOS (2021, p. 82).

Conforme relatam Moraes e Hanashiro (2015), em seus estudos com feirantes que atuam na Paraíba, o ambiente laboral nas feiras livres torna-se propício para a entrada feminina nesse mercado, uma vez que lhe dá condições de acompanhar o marido como ajudante, outras vezes funcionam como chance de manter os filhos pequenos por perto, bem como complementar a renda da família, através da autonomia em ter seu próprio negócio. A frequência de mulheres participantes na Feira do Sindicato corrobora o relato dos autores acima mencionados, uma vez que grande parte dessas mulheres são mães.

Na Feira do Sindicato, as mulheres feirantes também relatam dentre as vantagens da profissão, a possibilidade que têm de trabalhar e acompanhar o crescimento dos filhos, repassando valores éticos e morais que acompanham o trabalhador.

Essa percepção é corroborada por Lima, Pimentel e Soares (2008, p.225) quando afirmam que “Desde a infância, a convivência dos filhos no cotidiano do trabalho dos pais desperta a percepção e o aprendizado sobre a realidade social da família”.

De acordo com Gomes (2013) e Silveira et al. (2017), a participação feminina no mundo do trabalho formal se dá em diferentes áreas ou setores, mas acontece, também, em setores informais da economia. É crescente a presença de mulheres na comercialização de produtos populares em feiras livres, em grandes centros e no interior brasileiro. Essas feiras, ainda conforme os autores citados funcionam como um canal de aquisição de alimentos, emprego e rotatividade da economia.

Na Feira do Sindicato, em Ituiutaba (MG), nota-se que a mulher – agricultora familiar - é a figura principal nessa atividade laboral visto sua superioridade numérica quando comparada aos homens que também comercializam na feira. A conquista de uma autonomia não apenas financeira, mas também social e pessoal, não se estende a sua jornada de trabalho que funciona de forma estendida, visto o acúmulo, de forma tripla, de cuidados domésticos bem como cuidados com marido e filhos e com a atividade de feirante.

Com base nos dados apresentados sobre a mão de obra da mulher feirante, entende-se que o seu trabalho começa bem antes do início da feira em si. As funções que antecedem a

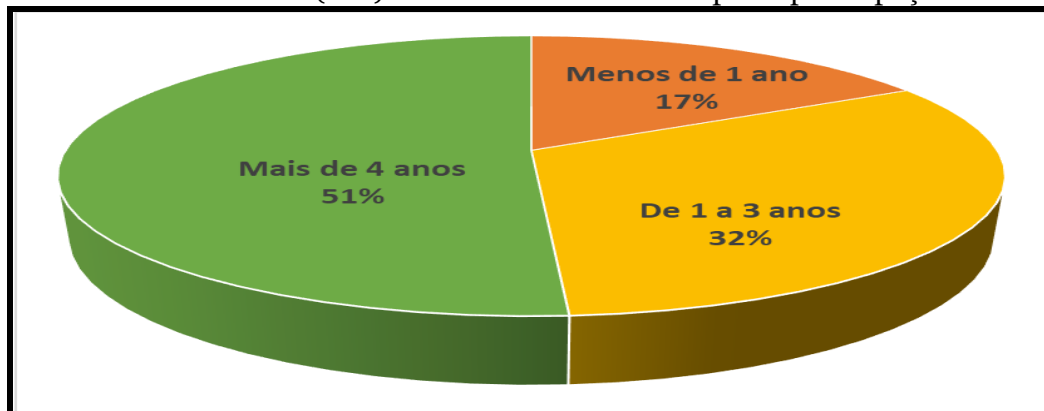
feira geram para a mulher, como discutido anteriormente, uma carga extra de trabalho. Para assegurar que a feira aconteça com sucesso cabe a ela, ainda em casa, fazer o controle e a conferência de tudo que será levado para o local de trabalho, além de, no caso das mulheres que comercializam quitandas, cafés e diversos produtos prontos para o consumo serem as primeiras a ficarem de pé, para dar conta de toda responsabilidade que de uma forma culturalmente machista lhe é delegada.

Nossa, dá um alívio pensar que está acabando a feira. No dia de vir fazer a feira levanto às duas e meia da madrugada para assar as encomendas, preparar as quitandas, de tarde estou um caco.... É um alívio quando acaba tudo. (SANTOS, 2021, p.107)

Percebe-se, ao mergulhar no universo das feiras livres, com um olhar voltado para o trabalho da mulher naquele espaço, que acontece ali uma imposição natural dos fatores que envolvem o trabalho e a família. Os sujeitos envolvidos são indissociáveis (filhos, esposa, marido) cabendo à mulher mediar conflitos, resolver questões do trabalho e também as domésticas, se impor todos os dias em busca de respeito e reconhecimento do seu trabalho. Esta afirmação é corroborada por Tedesco (2008, p. 103) ao afirmar que “a família, ainda que em crise em sua visão modelar, é um ator cultural e social que possui seus códigos e seus interesses enquanto dimensão coletiva”.

Retratando a perseverança dos feirantes da Feira do Sindicato, com relevante presença da mulher no comando de bancas, evidenciou-se que os agricultores atuantes há mais de quatro anos na feira totalizam 51%, os que atuam de 1 a 3 anos são 32% e 17% a menos de 1 ano, conforme o gráfico 2.

GRÁFICO 2 – Ituiutaba (MG): Feira do Sindicato - tempo de participação na feira



Fonte Santos (2021).

Deste modo entende-se que a maioria dos agricultores familiares que ali exercem a atividade de feirante, se faz presente neste espaço desde sua inauguração. Através das conversas e observações durante o trabalho de campo, entende-se que a vivência dessas experiências e sentimentos retratados, no dia a dia, moldam e caracterizam a personalidade/identidade de um grupo de trabalhadores unificados como parte de um mesmo grupo social.

Ao abordar situações que envolvem os sentimentos em relação à continuidade ou sucessão dos seus filhos na profissão de feirante, na Feira do Sindicato de Ituiutaba, uma vez que a maioria deles, conforme declararam, não pretendem mudar de atividades, em relação aos filhos a situação muda de figura. Se essa permanência, ou não, na mesma atividade dependesse da vontade dos pais como seria?

Concluiu-se que apesar de a maioria não querer mudar de atividades, conforme declaração anterior, os feirantes sonham com um futuro diferente para os filhos, esperam que estudem, cursem uma faculdade e sigam em uma profissão menos cansativa. Percebe-se nesse posicionamento uma demonstração de amor aos filhos quando declaram que, apesar de amar o que fazem, não desejam o mesmo para eles, por entenderem que para eles cabem algo melhor na vida.

A preocupação demonstrada pelos feirantes com o estudo dos filhos pode ser complementada de acordo com o pensamento de Lima, Pimentel e Soares (2008) ao afirmarem que “a educação é considerada como um bem que os pais desejam passar aos filhos, seja pelo valor social, seja como um desejo, em muitos casos, não permitido àqueles, passando a ser projetado para estes”.

Dentre os poucos que gostariam que os filhos continuassem, destaco a fala de uma feirante, agricultora familiar, que demonstra o quanto ela se sente realizada e orgulhosa do seu trabalho.

Gostaria muito. Acho muito importante esse trabalho nosso. Plantar, colher oferecer o alimento para o povo e garantir o sustento da família. É um tipo de serviço que nunca vai faltar... O povo não para de comer. Era uma garantia pra eles. Por mim, todos trabalhariam na terra, fosse criando um gadinho, fazendo uma horta, fora o tanto que é sadia a vida na roça; o perigo é menos que aqui na cidade, quase não existe violência. Era um sossego ter os filhos na roça..., mas a gente não manda né? A Deus pertence o futuro deles (SANTOS; 2021, p.110)

Essa narrativa nos remete ao entendimento de que a entrevistada valoriza seu trabalho, se sente útil aos outros e, também, considera ser um trabalho que não vai faltar, o que parece ser uma garantia para uma vida futura e uma forma de sobrevivência. A entrevistada ainda faz uma comparação da vida rural e urbana, destacando sobre a violência tão marcada na cidade. Ao mesmo tempo, não impõe aos filhos o trabalho que exerce, deixando-os escolher seu futuro, o que reforça “a Deus pertence o futuro deles”.

O sonho das mães e pais feirantes de verem seus filhos seguirem caminhos melhores na vida, procurarem outras atividades, conta com o desinteresse dos filhos e jovens nas atividades do/a feirante/agricultor/a familiar que pode ser entendido por meio da análise apresentada:

Compreende-se que a falta de avanços tecnológicos na agricultura de pequeno porte, a expansão das indústrias para o ambiente rural e os melhores acessos à educação e transporte, permitiram novas oportunidades para estes jovens, garantindo renda e tornando-os mais independentes (BARTH et al., 2016, p. 273).

Desta forma, os jovens estão buscando outras áreas no mercado de trabalho e, muitos deles, ainda em formação acadêmica e profissional, consideram a atividade de feirante digna, porém, enxergam tal atividade como serviço braçal e difícil e, diante das novas oportunidades, traçam outros caminhos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo entender a dinâmica das atividades laborais da mulher feirante, com a proposta de discutir a sua situação como profissional feirante e a forma como essa atividade tem contribuído para sua autonomia econômica, social e pessoal. Após

pesquisas e leituras foi necessário discutir gênero e mercado de trabalho, levando em consideração todas as discussões a respeito do tema. As diferenças estabelecidas entre homem e mulher obedecem a um código de relações de poder que geram uma divisão entre as pessoas e a sociedade arcaica, que se diz moderna e, em relação a gênero atribui ao homem e a mulher os papéis, valores culturais e comportamentais, impostos desde a infância e que são aceitos com naturalidade no decorrer da vida (PRESTES, 2019).

Em relação a gênero, os estudos quase todos refletindo a realidade de municípios de distintas regiões geográficas do país, apontam que o trabalho em feiras livres ainda conta com a predominância da força de trabalho realizada pelo homem. Os estudos relativos a gênero nessa área de trabalho, geralmente demonstram que a mulher do meio rural participa em feiras livres comercializando produtos oriundos do campo como hortaliças, verduras e derivados do leite. Nesses trabalhos que abordam a mulher feirante é destacado que sua participação seja como companheira, ajudante ou mesmo a responsável pela banca, tem se expandindo e, com isso, a mulher vai construindo sua autonomia financeira.

Não obstante, prevalecer, nesse espaço laboral, a dominação masculina, as mulheres feirantes, como afirma Silva (2016) leva à conquista de independência diante de questões econômicas, sociais e políticas. É preciso destacar, contudo, que tal independência ainda não diminui sua carga tripla de trabalho, pois, mesmo quando está desempenhando sua função laboral de mulher feirante, ainda é a responsável por tarefas e cuidados com a família.

Cabe ressaltar que a permanência dos feirantes, desde sua inauguração na Feira do Sindicato é um indício de que ser feirante é um trabalho prazeroso que envolve questões que vão além de interesses financeiros. Aquele espaço apresenta-se como um lugar que confere aos sujeitos que ali trabalham o sentimento de pertencimento, de seu lugar no mercado de trabalho dentro da cidade de Ituiutaba-MG.

No decorrer da pesquisa que originou este artigo, a feira apresentou-se como um lugar que abriga o saber e a cultura de diferentes sujeitos. Muito além da comercialização, ela oferece a troca desse saber e cultura através das práticas e da reprodução que acontece naquele espaço. No caso da Feira do Sindicato, as mulheres feirantes merecem ser reconhecidas como agentes que disseminam essa cultura e saber, conquistam o seu lugar, apesar dos conflitos existentes entre os gêneros, sem se dissociarem do papel de esposa, dona de casa, de mãe. Assim sendo, ser feirante mulher equivale muito além das questões econômicas envolvidas, demonstram um posicionamento sociocultural, político, além do empoderamento e o reconhecimento do valor da mulher trabalhadora.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Laís Wendel. **A inserção da mulher no mercado de trabalho: uma força de trabalho secundária?** 2007. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

ANACLETO, Adilson.; COELHO, Andersandra Pereira; CURVELO, Eder Bruno Couto. As mulheres empreendedoras e as feiras livres no litoral do Paraná. **Revista Faz Ciência**, v. 18, p. 118-139, 2016. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/fazciencia>>. Acesso em: 10 de junho de 2019.

ÂNGULO, José Luis Gutiérrez. Mercado local, produção familiar e desenvolvimento: estudo de caso da feira de Turmalina, Vale do Jequitinhonha, MG. Organizações Rurais & Agroindustriais. **Revista de Administração da UFLA**. Volume 5, nº. 2, julho/dezembro, p. 96-109, 2003.

ARAÚJO, Alexandro Moura; RIBEIRO, Eduardo Magalhães. Feiras, feirantes e abastecimento: uma revisão da bibliografia brasileira sobre comercialização nas feiras livres. **Estudos Sociedade e Agricultura**. Volume 26, n.º. 3, outubro de 2018 a janeiro de 2019. Disponível em: <<https://revistaesa.com/ojs/index.php/esa/article/view/1199>>. Acesso em: 10 de junho de 2019.

Boletim Informativo da ONU Mulheres Brasil – Ano II – N. 3 – Edição Janeiro/2019. Disponível: <http://www.onumulheres.org.br/informativo-onu-mulheres-brasil-janeiro-2019/> Acesso em 12 de junho de 2019

BRASIL. Casa Civil. **Secretaria de Trabalho –Ministério da Economia** 2019. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/>>. Acesso em: 29 de junho de 2019

BRASIL, Walena. **Mulheres, desenvolvimento local e sucesso: as feirantes em Belém (PA) e as políticas públicas de geração de renda, 2007, 122f.** Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Pará, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Belém, 2007. Curso de Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento.

BRUSCHINI, Maria Cristina Aranha – **Trabalho e Gênero no Brasil nos últimos dez anos**. Fundação Carlos Chagas - Grupo de Pesquisas Socialização de Gênero e Raça, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v37n132/a0337132>>. Acesso em: 24 de junho de 2019.

CARVALHO, Jakeline de Jesus, AGUIAR, Maria Geralda Gomes. Qualidade de vida e condições de trabalho de feirantes. **Revista Saúde Coletiva da UEFS**, Feira de Santana, 7(3): 60-65 (Dezembro, 2017) DOI: 10.13102/rscdauefs.v7i3.1943

CASA NOVA, Sílvia Pereira de Castro. **Gênero e contabilidade: a imagem profissional e a imagem do profissional**. São Paulo: Editora Senac, 2014.

COUTINHO, Edilma Pinto; NEVES, Halanna Cavalcante da Nóbrega; NEVES, Hamanda Cavalcante da Nóbrega; SILVA, Eurides Marcílio Ginuda. **XLIV Congresso da Sober “Questões Agrárias, Educação no Campo e Desenvolvimento”**. Sociologia Brasileira de Economia e Sociologia Rural. Fortaleza, 23 a 27 de julho de 2006.

ESTEVEENS, Matilde.; NETO, Maria Teresa. **Mulheres no mercado de trabalho: em Portugal a mulher contabilista**. In: 4º Encontro Internacional Luca Pacioli de História da Contabilidade, Lisboa, Portugal, 2015. Disponível em: <http://www.aeca1.org/premioefp/trabajos/2015/estevens_netto.pdf>. Acesso em: 02 jul. 2019.

GOMES, Almiralva Ferraz. Perfil socioeconômico de mulheres feirantes: um estudo no interior baiano. **IV Encontro de Administração Política**, v. 4, 2013. Disponível em: <<http://www.uesb.br/eventos/encontroadministracaopolitica/artigos/eap052.pdf>>. Acesso em: 08 de junho de 2019.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2020. **Resultado dos Dados do Censo 2010 e população Estimada – 2020**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/ituiutaba/panorama>. Acesso em 15 de março de 2021.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, história e educação: construção e desconstrução. **Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, p. 101-132, 1995. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71722>>. Acesso em: 03 maio 2019.

MADEIRA, Angélica, VELOSO, Mariza. **A cidade e suas feiras: um estudo sobre as feiras permanentes de Brasília**, DF: IPHAN / 15^a Superintendência Regional, 2007. 80 p.: il.; 21 cm. ISBN: 978-85-7334-63-1 1. Feiras - Brasília. I. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/feiras_permanentes.pdf>. Acesso em: 21 de junho de 2019.

MASCARENHAS, Gilmar; DOLZANI, Miriam Cristina da Silva. (2008). Feira livre: Territorialidade popular e cultura na metrópole contemporânea. DOI 10.5216/ag.v2i2.4710. **Ateliê Geográfico**, 2(2), 72-87. Disponível em: <<https://doi.org/10.5216/ag.v2i2.4710>>. Acesso em: 08 de maio de 2019.

MORAIS, Francilene Araújo de, HANASHIRO, Darcy Mitiko Mori. O saber profissional do feirante. **Revista Brasileira de Administração Científica** v.6 - n.1 Jan, Fev, Mar, Abr, Mai, Jun 2015.

MATOS, Maria Izilda, BORELLI, Andrea. **Espaço feminino no mercado produtivo In: Nova história das mulheres do Brasil/organizadoras** Carla Bassanezi Poinisky e Joana Maria Pedro. I.ed. São Paulo: Contexto, 2013.

NATIVIDADE, Daise Rosas da. Empreendedorismo público no Brasil: Políticas públicas sob análise. **Revista de Administração Pública** vol43 n1 Rio de Janeiro. Jan/Fev2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rap/v43n1/a11v43n1.pdf>>. Acesso em 20 de junho de 2019.

PARPETE, Marie France Garcia-Parpet. Mercados e modos de dominação: a feira e as vinculações de trabalhadores na plantation açucareira nordestina. In: Processos de constituição e reprodução do campesinato no Brasil Formas tuteladas de condição camponesa Delma Pessanha Neves e Maria Aparecida de Moraes Silva (Orgs.) **Coleção História Social do Campesinato no Brasil, 2018**. Disponível em <https://www.unifal-mg.edu.br/geres/files/Texto%203%20p.%2039-67.pdf>. Acesso em 05 de julho de 2019

PESSOA DE OLIVEIRA, Gilvana. **Flexibilizando o trabalho: desigualdade de gênero, saúde e precarização das atividades das pessoas trabalhadoras na feira-livre de Picos-PI**. 2011. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco. Disponível em <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/9673>. Acesso em: 26 de junho de 2019.

PEREIRA, Rosângela Saldanha; SANTOS, Danielle Almeida dos; BORGES, Waleska. A mulher no mercado de trabalho. **II Jornada Internacional de Políticas Públicas**. Universidade Federal do Maranhão. Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas. São Luís, MA, 23 a 26 de agosto de 2005. Disponível em: <http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinppII/pagina_PGPP/programa%C3%A7%C3%A3o/novas%20programacoes/nova_progma%C3%A7%C3%A3o_geral.pdf>. Acesso em: 10 de junho de 2019.

PEREIRA, Viviane Guimarães; BRITO, Tayrine Parreira; PEREIRA, Samanta Borges. **A**

feira-livre como importante mercado para a agricultura familiar em Conceição do Mato Dentro (MG). Revista Ciências Humanas, v. 10, n. 2, 2017.

PRESTES, ALLINE DA SILVA. RELAÇÕES DE GÊNERO E TRABALHO DE MULHERES AGRICULTORAS/FEIRANTES NO MERCADO MUNICIPAL DE PARINTINS-AM. **Anais do XVI Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social**, v. 16, n. 1, 2019.

RIBEIRO, Eduardo Magalhães.; CASTRO, Boaventura Soares de; RIBEIRO, J. A. (coord.) A feira livre de Minas Novas: abastecimento urbano, consumo e renda para a agricultura familiar. Lavras, Turmalina, Minas Novas. **Relatório de Pesquisa**, maio de 2004.

ROCHADEL, Greicy Mandelli Moreira. História do trabalho da mulher. **Âmbito Jurídico**, Rio Grande, X, n. 40, abr., 2007. Disponível em: <<http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php>> Acesso em: 22 de maio de 2019.

SATO, Leny. Processos cotidianos de organização do trabalho na feira livre. **Psicologia & Sociedade**, v. 19, n. 1, p. 95-102, 2007.

SANTOS, Eloslândia Teixeira; MACHADO, Lucas Carneiro; CLEPS, Geisa Daise Gumiero. Feiras Livres em Uberlândia (Mg), Uma Abordagem Histórica, Espacial e Cultural. **Revista Geográfica de América Central**. Número Especial, EGAL, 2011, Costa Rica, II Semestre 2011, p. 1-13.

SANTOS, Lorena Emanuele da Silva; CASTRO, Fábio Fonseca de. A representação das feirantes, suas relações e a incorporação da teoria da reciprocidade na execução do trabalho nas feiras do Guamá e da Pedreira. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Rio de Janeiro, RJ, 04 a 07 de setembro de 2015. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-2341-1.pdf>>. Acesso em: 12 de junho de 2019.

SANTOS, Maria Vanda dos. A feira do sindicato em Ituiutaba (MG) como espaço de (re) produção na agricultura familiar. 2021. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-graduação em Geografia, 2021. Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2021.371>

SANTOS, Maria Vanda dos; SANTOS, Joelma Cristina dos. A configuração da agricultura familiar na feira do sindicato em Ituiutaba-MG. **Brazilian Geographical Journal: Geosciences and Humanities research medium**, v. 11, n. 1, p. 19-37, 2020.

SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. 1. reimpr. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2012.

SILVA, Juliana Gouveia Alves da. **Pra onde tu vai Maria? Vou pra feira da sulanca!** Um estudo sobre o trabalho feminino na Feira da Sulanca de Caruaru – PE / Juliana Gouveia Alves da Silva. – 2016. 180 f.:il. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação. Direitos Humanos, 2016. Disponível em <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/17887-> Acesso 22 de maio de 2019.

SILVEIRA, Vítor Cardoso da; OLIVEIRA, Emilly Santi de; SILVEIRA, Natália Fernandes; MARIANI, Milton Augusto Pasquotto. Avaliação da importância das feiras livres e a forma de comercialização adotada pelos feirantes na cidade de Nova Andradina, MS. **Encontro Internacional de Gestão, Desenvolvimento e Inovação (EIGEDIN)**, v. 1, n. 1, 2017.

SIMÕES, Fátima Itsue Watanabe; HASHIMOTO, Francisco. Mulher, mercado de trabalho e as configurações familiares do século XX. **Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas**. Universidade Federal dos Vales dos Jequitinhonha e Mucuri, Minas Gerais, v. 1, n. 2, 2012. Disponível em: http://site.ufvjm.edu.br/revistamultidisciplinar/files/2011/09/Mulher-mercado-de-trabalho-e-as-configura%C3%A7%C3%B5es-familiares-do-s%C3%A9culo-XX_fatima.pdf. Acesso em 10 maio 2018.

TEDESCO, João Carlos. **O empreendimento familiar no meio rural: racionalidade adaptativas, capital social e recursos simbólicos**. Organizações familiares: um mosaico brasileiro (2008):92-126. Ed. Universidade de Passo Fundo, 2008.

VEDANA, Viviane. Fazer a feira e ser feirante. A construção cotidiana do trabalho em mercados de rua no contexto urbano. **Horizontes Antropológicos**, n. 39, p. 41-68, 2013. Disponível em: <http://journals.openedition.org/horizontes/330>. Acesso em 08 de julho de 2019.

Recebido em: 30/04/2022.

Aprovado para publicação em: 28/12/2023.